



Beckett e Bion: criação – experiência emocional

*Aldo Luiz Coelho Borges Duarte**, Porto Alegre

Parece haver muito em comum entre as investigações de Bion no que tange ao desenvolvimento da capacidade de pensar e os escritos de Beckett abordando a luta entre a necessidade de dar um sentido à vida e o medo de sucumbir diante do vazio do inominado. O fato de Bion ter atendido Beckett como paciente por dois anos enquanto trabalhava na Clínica Tavistok não passou despercebido. Alguns aspectos foram encontrados na literatura psicanalítica, tanto no que tange ao ponto de partida comum entre ambos, a dificuldade de dar voz ao inefável, de dizer o indizível, quanto na ideia do nada como um ponto de partida, um espaço potencial. Após brevíssima nota biográfica de ambos, um recorte da literatura disponível sobre o tema é rastreada. O fato de a linguagem beckettiana refletir em grande medida uma espécie de ilustração clínica dos escritos kleinianos da época, expressando conflitos especialmente perturbadores e profundos através de uma linguagem paradoxal, minimalista, que acreditava ser mais eficaz é correlacionado com o que Bion enunciaria mais tarde sob o conceito de linguagem de êxito, como a forma de escolha para se comunicar com o O do paciente. Ambos nos propõem, ao fim, a criação como alternativa ao nada preenchido com não-coisas ou idealizado como forma de negar o nosso desamparo.

Palavras-chave: psicanálise, Bion, Beckett.

* Psiquiatra e membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



Samuel Beckett e Wilfred Ruprecht Bion são daquelas pessoas que marcam a vida de todos aqueles que têm contato com suas ideias. Ambos, um no teatro, outro na psicanálise, foram alvo de muita polêmica, admiração, destrato, críticas, elogios, prêmios, foram até, por muitos, considerados loucos. A única coisa que não despertaram foi indiferença. O teatro e a psicanálise não foram mais os mesmos depois deles.

É, portanto, compreensível que um psicanalista não fique indiferente ao fato de que essas duas pessoas de tamanha envergadura em suas áreas tenham tido uma experiência comum, no papel de paciente e psicanalista, e tenham, em suas obras posteriores, tantos pontos de contato.

Por menores que sejam as informações disponíveis a respeito, é inevitável a alguns, no mínimo, uma reflexão sobre esse fato. Prova disso é a presença em publicações respeitadas da nossa área, de inúmeros trabalhos resultantes dessas reflexões, transformadas por vários autores. Mais do que especulações, que poderiam ser imaginadas *ad infinitum*, para o leitor de Bion e Beckett resultam algumas impressionantes e notáveis correlações, no que tange às suas ideias, que logo nos saltam aos olhos – ou à mente.

Embora o fato de ter sido levado a Londres com a finalidade de buscar uma ajuda para seus sintomas seja algo formalmente mencionado em quase todas as biografias de Beckett, foram os psicanalistas, mais que os biógrafos, que revelaram, muitos anos depois, a extrema fecundidade desse encontro, uma vez que a obra de Bion ficou ignorada, ao que se saiba, da maioria dos intelectuais que o sucedeu, tendo seu conhecimento se restringido predominantemente, até hoje, ao mundo psicanalítico. Presume-se que sempre ao final de uma análise, tanto o paciente quanto o psicanalista saiam da experiência diferentes do que entraram, mesmo se considerando que essa mudança varie em cada caso.

Baseado nos trabalhos encontrados na literatura do nosso meio, tentarei rastrear algumas dessas reflexões publicadas sobre o tema. Mais do que repassar informação, objetivo motivar o leitor a buscar as suas próprias, caso o assunto eventualmente lhe desperte algum interesse.

Nota-se que tanto Beckett quanto Bion se preocuparam muito com a existência de um sentido de *self*, de existir como tendo um lugar no mundo, um sentido para o fato de estar vivo, que é dependente da experiência que o sujeito teve ao longo de sua vida, especialmente nos primórdios da experiência que se tem com o *outro*. De algum modo, todos *falhamos* nessa tentativa, uma vez que nunca somos parte de alguém e, de um certo modo, estamos todos exilados em nós mesmos.



A questão se situa no quanto podemos viver o nada não como um buraco negro em direção à fragmentação, (psicose) ou o quanto conseguimos conviver com a não-coisa como um espaço potencialmente criativo (zero) para nele desenvolver o jogo, a curiosidade, a criatividade, o crescimento.

Bion e Beckett viveram em contemporaneidade, sob o mesmo meio de informações, cultura, política e arte. Beckett nasceu em 1906, na cidade de Dublin, Irlanda. Era, portanto, nove anos mais jovem do que seu futuro analista. De uma família protestante, consta que sua mãe teria sido uma pessoa muito problemática, extremamente narcisista e dominadora. Segundo Simon (2008), era acometida de ataques imprevisíveis de raiva contra os filhos; o pai funcionava como mediador dessas influências traumáticas. Na escola, manifestava interesse pela literatura e pela língua francesa, mas já apresentava sintomas de depressão e ideias de suicídio. Com vinte e seis anos já tinha morado na França e retornado à sua terra natal, tendo uma grande amizade com James Joyce, também irlandês. Demonstrava grande impaciência com o fato de não sentir a linguagem como um meio adequado de comunicação e expressão adequada, levando apenas à negatividade e à impossibilidade (Simon, 2008).

Embora de convivência difícil, era bastante admirado pelas mulheres, das quais se tornara amigo, ou, de várias delas, amante; a relação com a mãe sempre foi muito tormentosa, pois era controladora de seus gastos e reprovava enormemente seu estilo de vida. A dificuldade de separar-se dela, porém, acarretava-lhe uma enorme multiplicidade de sintomas, muitos dos quais psicóticos, ficando por longos períodos na cama sem poder levantar-se para realizar suas tarefas. Além disso, tinha alucinações, pânico, furúnculos, quistos (um deles anal) que eram extremamente dolorosos. Ouvia vozes, sentia-se perseguido, chegando ao ponto de só conseguir tranquilizar-se se fosse dormir no quarto de seu irmão.

Segundo Bair (1978), a sra. Beckett tinha enorme resistências ao filho consultar um psicanalista, tentando de várias formas que ele resolvesse seus sintomas tomando remédios para dormir ou fazendo longas e agradáveis caminhadas pelos arredores da cidade. Finalmente ela aceitou os argumentos de seu filho Frank, cujas forças estavam chegando ao fim por ter que cuidar dos negócios de dia e cuidar do irmão à noite, destinando dinheiro suficiente para os dois passarem seis meses em Londres a fim de procurar um psicanalista para Samuel. Com isso, imaginava que a análise não se tornaria um fato público, fato que a envergonhava profundamente.

Bion nascera na Índia em 1897 e, até os oito anos, foi criado naquela cultura, aos cuidados de uma babá (*Ayá*). Aos oito anos, foi separado dos pais a fim de



estudar nas escolas londrinas. Esse fato teve profundo impacto em sua vida, tendo ficado muitos anos separado deles, até vê-los novamente. Aos dezesseis anos, após concluir seus estudos no Trinity College, se alistou no exército, foi comandante de tanques na primeira guerra mundial, recebendo inclusive condecorações por isso. (Sessenta anos mais tarde escreveria, já na Califórnia, suas *War memories*). Terminada a guerra, estudou história moderna e filosofia em Oxford, graduando-se em medicina e também sendo um desportista destacado. A partir de 1933 começou a trabalhar na clínica Tavistok.

Fundada em 1920, a clínica Tavistok já desfrutava grande fama durante essa época e era, até a segunda guerra mundial, um lugar aberto às psicoterapias dos mais variados tipos, contando com profissionais das mais variadas orientações teóricas, entre eles o jovem Bion, então um iniciante na área, embora já contasse trinta e sete anos. Segundo Anzieu (1996), nessa época Bion estava em análise com o *eclético Dr. Madfield*, ainda longe da formação psicanalítica que faria mais tarde, o que o teria levado a atuações como sair com Beckett para jantar ou convidá-lo para assistir a conferências de Jung na própria clínica.

Pouco, no entanto, se sabe a respeito do que realmente ocorreu entre ambos durante a análise. É difícil dizer o quanto o encontro dessas duas mentes influenciou Bion em suas ideias acerca da psicanálise ou o quanto Beckett pode ter sido influenciado por Bion na sua produção posterior, uma vez que nunca houve nenhuma manifestação pública desse encontro tanto por parte de um quanto do outro. No dizer de Stevens (2005, p. 610),

Acredito que a questão da influência é útil somente no contexto dos conceitos e temas que estão presentes no trabalho posterior de ambos. A finalidade de perseguir essa questão é ampliar nosso entendimento do trabalho de cada um deles, assim como, se tivermos uma pretensão maior, alargar nosso próprio conhecimento e experiência sobre sermos humanos.

Segundo Anzieu (1996),

Beckett e Bion se enfrentaram com uma problemática que corresponde ao que mais tarde Bion chamará de protomental (na qual o funcionamento físico e o mental estão ainda indissociados) e que Melanie Klein começava justamente a teorizar sob a denominação de posições psicóticas. A partir de 1945, a obra novelesca de Beckett (em francês) e a obra científica de Bion (em inglês) constituem tentativas paralelas de elaborar este núcleo psíquico de trevas terroríficas para fazê-las inteligíveis. Suponho que Bion



se convenceu da vocação literária de seu paciente e esta é uma das razões pelas quais permitiu que Beckett assistisse a Jung falar da regressão quase alucinatória e despersonalizante própria do impulso criador. Beckett evocará várias vezes em sua vida esta conferência que muito o marcou: a criação, sem dúvida, lhe pareceu uma alternativa feliz para a doença mental (p. 165).

A análise não foi fácil, sendo esse um período tormentoso para Beckett (e muito, com certeza, para Bion também). Beckett ficava ambivalente com o tratamento, frequentemente pensava em interrompê-lo, o que efetivamente fez, contra a vontade de Bion, após *134 embates (prises de bec)*, como ele mesmo descreve o clima do encontro. Sobre essa disputa, Junqueira Filho (2008) a descreve como um laboratório rico na produção do que chama de *insights experimentais*, entendendo-se neste contexto *experimental* como sendo a interação de duas personalidades esquizoides “possuidoras de uma Gestalt modernista, propensa a experimentar, brincar, transgredir, ampliar limites, formular e encenar todas as implicações de suas ideias” (*Ibid.*, p. 104).

Simon (2008), um psicanalista de Boston, conta que descobriu essa relação terapêutica entre ambos quase por acaso (por *serendipity*). Estava imerso no estudo do drama trágico, especialmente atento à questão da morte e do assassinato de crianças bem como ao exame do fato de que o diálogo nesse gênero literário trágico mata, aborta ou se torna estéril. Isso o levou a ler as obras de Beckett escritas nos anos 50 e 60, sendo surpreendido pela sensação de que “tivessem sido escritas com a intenção de ilustrar clinicamente alguns dos maiores textos psicanalíticos a respeito da psicose, como os de Klein, Fairbairn, Searles, Rosengeld e Segal” (*Ibid.*, p. 332). E prossegue: “Seus personagens parecem estar minando, atacando, ridicularizando e aterrorizando o ato de fazer conexões significativas” (*Ibid.*).

Aprofundando-se no estudo da vida de Beckett, descobriu que ele, a partir de seus vinte e tantos anos, passara a atribuir seus problemas ao fato de não ter nascido adequadamente, ou não completamente, às terríveis lembranças que dizia ter da vida intrauterina, ou mesmo de ter nascido. De acordo com sua amiga e amante Peggy Guggenheim, dizia ser aterrorizado por memórias pré-natais. E cita Chevigny (1969, p. 3): “Desde seu nascimento tinha retida a terrível memória da vida no útero de sua mãe. Sofria constantemente com isso e tinha crises terríveis, quando ele sentia que estava se sufocando”.

Com surpresa, Simon (2008) soube também, através da leitura de Bair (1978), que o analista de Beckett havia sido Bion. Este era um autor que ele próprio conhecia muito pouco até então e cujas ideias lhe pareciam misteriosas,



complicadas e *hiperabstratas*. Percebeu o quanto o paciente-dramaturgo e o psicanalista descreviam um ao outro com alguma exatidão. E não se admirava de que algumas pessoas, obviamente o depreciando, se referiam às ideias de Bion sobre grupos como *uma peça de Beckett*. Entendeu, dessa forma, que *Beckett analisara Bion*, no sentido de que ambos, ao escreverem sobre alienação e incapacidade de amar e se comunicar, estavam, de fato, se comunicando com pessoas e expressando conflitos perturbadores, profundos e complexos, que fazem parte da experiência de estar vivo – conflitos e medos os quais todos os seres humanos podem em alguma medida identificar como seus.

Em *O gêmeo imaginário*, trabalho apresentado por Bion em 1950 com a finalidade de obter o grau de Membro Titular da Sociedade Britânica de Psicanálise, Simon (2008) vê uma inspiração em Beckett, pois um dos pacientes descritos no trabalho “apresentava bloqueios emocionais e de comunicação e fantasiava inconscientemente a existência de um gêmeo que ele teria impedido de nascer e, por isso, o estaria punindo” (*Ibid.*, p. 340). “A função desse segundo eu, o gêmeo imaginário, seria negar a realidade diversa do eu. Era o começo da descoberta da dualidade bioniana, espécie de *visão binocular* que articula o consciente com o inconsciente num mesmo *campo foca*” (Silva Filho, 1990, p. 99). É, no entanto, sabido que foi durante esse período que Beckett escreveu seu primeiro romance, *Murphy*, no qual, segundo Anzieu (1996), Beckett “efetua o que Bion escreverá vinte anos mais tarde, em 1957: a diferenciação da parte psicótica e da parte não psicótica da personalidade e a observação da primeira pela segunda” (p.166).

Simon (2008) prossegue dizendo que, quando lemos o trabalho *Ataques ao elo de ligação*, no qual Bion assinala “pacientes que atacam o ato de interpretar do analista e não seu conteúdo da interpretação dada” (p. 340), vemos que o ato de interpretar implica estabelecimento de uma ligação, uma conexão entre dois pensamentos, o que pode estabelecer uma ligação entre duas pessoas. Finaliza dizendo que os pacientes de Bion e os personagens de Beckett parecem envolvidos em ter uma não-união, ou em uma união estéril (Simon 2008).

Outro ponto comum entre ambos consiste no fato de que Beckett utiliza uma escrita paradoxal que, ao mesmo tempo que dá voz ao problema da falta de voz, consegue colocar em palavras o que é experienciado como indizível: como fazer, se não há nada a dizer, nada com o que dizer, nada do que dizer, nenhum desejo de dizer, ao lado da obrigação de dizer? pergunta.

Da mesma forma o analista, para Bion, precisa dar palavras a *O*, que, por sua vez, é inefável. Descrente do poder da linguagem articulada (essa aquisição feita apenas há cinco mil anos pelo *homo sapiens*), Bion propõe que o analista se



utilize de uma *linguagem de êxito* (*language of achievement*), uma linguagem que possa comunicar sem se saturar de significados. Em ambos, a questão do nada (*nothing*), da não-coisa (*no-thing*) e da nulidade (*naughtness*) é primordial, e tanto um quanto o outro produziram textos transformadores na abordagem desse tema.

Enquanto o nada é vivido como o caos e a destruição, a não-coisa para Bion já tem o sentido de um objeto mau presente. E a nulidade representa esse espaço criativo no qual algum pensamento pode surgir. A teoria do pensamento de Bion está toda apoiada na ideia de que é preciso haver uma frustração, um vazio, uma tolerância a esse vazio, para que um espaço criativo possa surgir e algo possa ser simbolizado como pensamento. Segundo Stevens (2005), “as noções de nada, de não coisa, de nulidade, podem atuar como um ponto de partida comum para os dois, ou um ponto de correspondência entre ambos” (p. 663).

Essas questões inevitavelmente vão repercutir de várias maneiras em outras áreas de investigação devotadas ao entendimento do que significa ser humano, existir. Beckett nos coloca diante do inominável, como vamos nos expressar, Bion, por seu lado, nos coloca diante do que vamos fazer com o vazio de um objeto ausente: a saída que ele nos propõe é criar (pensar). O que, de certa forma, também é o que Beckett nos leva a fazer. Stevens (2005) diz que ambos nos dão respostas similares:

Somente sendo capazes de tolerar a frustração do não-saber, somente sendo capazes de encarar o vazio sem tentar preenchê-lo com não coisas, ou idealizá-lo como uma forma de negar sentimentos de dependência ou desejo, poderemos realmente experimentar o emergir de um significado como um processo de interpretação criativo e interação com o mundo (p. 663).

Esse fenômeno Bion o descreve e o denomina de *experiência emocional*. Mas gostaria de encerrar com um fragmento da peça *Beckett e Bion: O gêmeo imaginário*, de autoria do dramaturgo e nosso colega Conte (2012). Nela, são encenados trechos da vida dos dois protagonistas, fragmentos de sessões entre Beckett e Bion e deste com Melanie Klein, bem como muitos outros aspectos comuns observáveis na vida e na obra posterior de ambos. O espetáculo se encerra com um diálogo *post-mortem* entre os personagens, do qual transcrevo o fragmento abaixo:



Samuel Beckett:

Não acompanhei muito a sua obra, mas tenho a sensação de que você me plagiou. Ou será que fui eu que aproveitei suas ideias?

Wilfred Bion:

A incerteza e a indecidibilidade da origem não serão nunca esclarecidas, nem depois da morte.

Samuel Beckett:

Nem a turbulência do nosso encontro.

Wilfred Bion:

Admiro a sua coerência. Até seu túmulo é minimalista.

Samuel Beckett:

Não se pode queimar o estilo. Nem depois da morte.

Wilfred Bion:

Principalmente depois da morte, já que nada mais podemos fazer sobre o que está para vir sem nossa presença.

Samuel Beckett:

E muito mais desde então. E mais ainda por vir — o que me lembra, preciso me apressar; tenho um encontro marcado com o Destino.

Wilfred Bion:

Tchau — Feliz holocausto!

Wilfred Bion:

Depois da morte, encontrou o que esperava?

Samuel Beckett:

Encontrei.

Wilfred Bion:

O que?

Samuel Beckett:

Nada. (Conte, 2012, não paginado). □

Abstract

Beckett and Bion: creation – emotional experience

There seems to be much in common between Bion's investigations in regard to the development of thinking capacity and Beckett's writings approaching the struggle between the need to attribute sense to life and the fear of succumbing in face of the void of the innominate. The fact that Bion saw Beckett as his patient for two years while working at the Tavistok Clinic did not go unnoticed. Some



aspects have been found in psychoanalytic literature, in regard to what concerns the starting point shared in common by them, the difficulty of giving voice to the ineffable, of saying the unutterable, as well as in the idea of the nothing as a starting point, a potential space. After a very short biographic note on each one of them, a picture of the literature available on the subject is traced. The fact that beckettian language reflects in great part, a sort of clinical illustration of kleinian writings of those times, expressing profound and disturbing conflicts through a paradoxical, minimalist language, that he believed was more efficient, is correlated to what Bion would state later on the concept of successful language as the way of choice to communicate with the O of the patient. Both propose, at the end, the creation as an alternative to the nothing, filled with no-things or idealized as a way to deny our helplessness.

Keywords: psychoanalysis, Bion, Beckett.

Resumen

Beckett y Bion: creación – experiencia emocional

Parece haber mucho en común entre las investigaciones de Bion en lo que se refiere al desarrollo de la capacidad de pensar y los escritos de Beckett tratando sobre la lucha entre la necesidad de dar un sentido a la vida y el miedo a sucumbir frente al vacío de lo innominado. El hecho de Bion haber atendido a Beckett como paciente por dos años mientras trabajaba en la Clínica Tavistok no pasó desapercibido. Algunos aspectos fueron encontrados en la literatura psicoanalítica, tanto en lo que se refiere al punto de partida común entre ambos, la dificultad para dar voz a lo inefable, de decir lo indecible, cuanto en la idea de la nada como punto de partida, un espacio potencial. Después de una brevísima nota biográfica de ambos, un recorte de la literatura disponible sobre el tema es rastreado. El hecho del lenguaje beckettiano reflejar en gran medida un tipo de ilustración clínica de los escritos kleinianos de la época, expresando conflictos especialmente perturbadores y profundos por medio de un lenguaje paradojal, minimalista, que se creía ser más eficaz, es correlacionado con lo que Bion enunciaría más tarde bajo el concepto de lenguaje de éxito, como la forma de elección para comunicarse con el O del paciente. Ambos nos proponen, al final, la creación como alternativa a la nada rellena con no-cosas o idealizada como forma de negar nuestro desamparo.



Aldo Luiz Coelho Borges Duarte

Palabras clave: psicoanálisis, Bion, Beckett.

Referências

- Anzieu, D. (1996). *Crear y destruir*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Bair, D. (1978). *Samuel Beckett: a biography*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Chevigny, B. G. (1969). Introduction. In *Twentieth Century Interpretations of endgame: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Conte, J. (2012). *Beckett e Bion: o gêmeo imaginário*. Roteiro impresso de peça teatral.
- Junqueira Filho, L. (2008). A disputa (prise de bec) entre Beckett e Bion: a experimentação do insight no resplendor da obscuridade. *Revista Brasileira Psicanálise*, 42 (2), pp. 103-117.
- Silva Filho, A. C. P. (1994). Os gêmeos imaginários: Beckett e Bion. *Revista Brasileira Psicanálise*, 24 (1), pp. 91-109.
- Simon, B. (2008). The imaginary twins the case of Beckett and Bion. *International Review Psycho-Analysis*, 15(3), pp. 331-352.
- Stevens, V. (2005). Nothingness, no-thing, and nothing in the work of Wilfred Bion and in Samuel Beckett's Murphy. *Psychoanalytic Review*, 92 (4), pp. 607-635.

Recebido em 03/06/2013

Aceito em 12/06/2013

Revisão técnica de **Paulo Berél Sukiennik**

Aldo Luiz Coelho Borges Duarte

Rua Tobias da Silva, 149/201
90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: alduarte@italnet.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA